

1 Obras Burlescas de Tomé Tavares O Ms. 736 da BPMP

2 CidAlia Maria Baptista Dinis¹

3 ¹ Faculdade de Letras da Universidade do Porto

4 *Received: 6 December 2012 Accepted: 2 January 2013 Published: 15 January 2013*

5

6 **Abstract**

7 Son of a period of profound transformations, Tomé Tavares (1570-1634) is part of a baroque
8 spirit, marked by the unveiling of the words and by the satire's poisonous and unmeasured
9 guillotine. In a society marred by hypocrisy and the worldly frivolities, burlesque satire comes
10 as a regenerator blow, giving rise not only to an irreverent laugh, often in complicity, but also
11 as a releasing factor by a world steeped in misrepresented values.

12

13 **Index terms**— poetry, baroque, satire.

14 nédita durante mais de quatro séculos, a obra do poeta portuense Tomé Tavares foi mais um exemplo da
15 inúmera produção literária que desde a segunda metade do século XVI até aos fins do século XVIII permanece
16 ainda inédita, esquecida, à espera de ser (re) descoberta. Na base deste evidente desinteresse pela conservação de
17 todo um património literário estão às vezes intrincados problemas de crítica textual. A existência de várias cópias
18 manuscritas, quase sempre lacunares, para além de implicar muitas variantes, pressupõe também determinar qual
19 a lição verdadeiramente morosa, que obriga a percursos labirínticos indecifráveis. Mesmo as duas mais conhecidas
20 antologias de textos de versos barrocos -Fénix Renascida e Postilhão de Apolo, que apresentam aliás muitos erros
21 de atribuição de autoria, não comportam de modo algum toda a poesia desta época, sobretudo se pensarmos na
22 quantidade indeterminada de manuscritos ainda por descobrir e editar.

23 Tendo plena consciência dessa árdua tarefa que é editar uma obra, procurámos com o estudo e edição dos
24 textos de Tomé Tavares, contribuir para esbater o esquecimento que sobre eles (texto e autor) se abateu, dando
25 a conhecer uma poesia irreverente, límpida e de singular rasgo de originalidade.

26 Apesar de reconhecidos estudiosos como Vítor Aguiar e Silva, Ana Hatherly, Maria Lucília Gonçalves Author :
27 Graduated in Modern Language and Literature / Portuguese Studies, Master in Romanesque Literatures. E-mail
28 : cidalidiinis@sapo.pt Pires, entre muitos outros, se terem dedicado à literatura desta época, editando textos e
29 publicando trabalhos críticos; a verdade é que todo este esforço continua a ser infrutífero, sobretudo se pensarmos
30 que muitos são os autores e obras que estão dispersos por manuscritos desconhecidos. Com esta edição, decorridos
31 373 anos após a morte do autor (29/01/1634), cremos estar a contribuir para esbater uma lacuna dos estudos
32 literários nacionais que continua (e continuará) a subsistir.

33 **1 II.**

34 Vida e Obra de Tomé Tavares Embora não possamos precisar a data exacta do nascimento de Tomé Tavares,
35 é bastante provável que ele tenha acontecido em 1570. A conclusão é sugerida pelo seu processo de aluno
36 universitário: sabendo que à época, era prática corrente os alunos ingressarem com 16 anos, é de supor que
37 também o nosso autor tivesse essa idade em 1586, data do seu único registo de matrícula -em «Instituta», com
38 certidão de exame de latim a 14 de Novembro , dotado de um espírito arguto e engenhoso.

39 **2 4**

40 . Sabe-se também que nasceu na cidade do Porto e que era filho de Nuno Tavares, «cidadão muito honrado do
41 Porto» 5

42 Outro aspecto da vida de Tomé Tavares sobre o qual dispomos de alguns elementos é a sua ordenação. De
43 facto, embora não possamos precisar a data exacta em que ocorreu, apurámos que já em 1600 paroquiaava a

44 freguesia de Santa Marinha de Rio Tinto, , e de Joana Carneiro, descendente dos Carneiros do Porto, importante
45 família do século XVI.

46 no termo de Barcelos 6 . Sabemos ainda que morreu a 29 de Janeiro de 1634, na sua abadia 7 .

47 Salientados os principais aspectos referentes à biografia de Tomé Tavares, não poderíamos ficar alheios ao
48 retrato que o nosso poeta faz do último 6 Encontra-se no Arquivo Distrital de Braga o primeiro registo paroquial
49 de que temos conhecimento assinado pelo Abade Tomé Tavares. Trata-se de um baptizado de 13 de Março de
50 1600 (Cf. Registo Paroquial de Espoende, livro 354º, f. 13r). ?? No mesmo arquivo, mais precisamente no
51 'Registo Paroquial de Espoende', livro 350º, f. 53v, pode ler-se: 'Aos trinta e hum digo aos vinte e nove dias do
52 mes de Janeiro de mil e seis centos e trinta e quatro annos faleceo o R do abb e desta Igreja Thome Tavares Carn
53 ro foi confessado não lhe derão o Sôr por não estar p a o receber mandou se lhe fisessem três off os cada hum de
54 des padres e desem as offertas costumadas era ut supra quartel de quinhentos e primeiros annos de seiscentosépoca
55 em que o 'sonho da Índia' e com ele um século de trabalho metódico e persistente e a fama do nome luso, levada
56 nas asas brancas das caravelas, se haviam já dissipado, dando lugar ao domínio castelhano. ? Gaspar Lopes' (cf.
57 fig. ??). Do seu olhar atento aos pequenos nadas, a um mundo movediço, de contrastes, sempre em mutação,
58 resulta uma obra que interessa -mais do que pelo virtuosismo verbal e conceptual -como testemunho da sociedade
59 nortenha da época, uma sociedade em que a disciplina, a moralidade e os costumes deixavam muito a desejar.

60 Um dos principais alvos do nosso poeta é a classe eclesiástica, satirizada pelo grau de indisciplina e de
61 relaxamento a que chegara. Proliferavam os 'casos' entre frades e freiras: III. IV.

62 3 Mote

63 4 Outro

64 A febre do luxo que teimava em permanecer no século XVI contaminou também a austera e recatada alta
65 sociedade de outrora. Esquecidos da humildade que devia rege as suas vidas, os seus membros faziam gala em
66 trajar ricamente: À mulher do Juiz de Barcelos, que sendo mui pequena trazia touca muito alta Em tão pequena
67 barquinha metestes tão grande vela que temo se vire asinha, que do Juiz a varinha não basta para sustê-la.

68 (peça n.º 63) ?? Estes são apenas pequenos exemplos da atenta, subtil, engenhosa e bem-humorada observação
69 da realidade que caracteriza a obra de Tomé Tavares . O quotidiano, a vida comum, palpitante de agitação, é o
70 principal pano de fundo das Obras Burlescas do Famoso Tomé Tavares, colectânea que se caracteriza por uma
71 simplicidade e uma facilidade que são apenas aparentes.

72 A diversidade poemática sugere de imediato a capacidade do nosso autor, que pratica o dístico (1 texto), a
73 elegia (1 texto), o poema em décimas (2 textos), o poema em oitava rima (1 texto), o poema em quintilhas (27
74 textos), o poema em redondilhas (1 texto), o poema em tercetos (5 textos), a quadra (20 textos), o romance
75 (6 textos), o soneto (11 textos) e ainda o texto em prosa (2 textos), num registo predominantemente satírico.
76 Alguma diversidade pode ser também surpreendida no campo da métrica, em que ao lado do decassílabo -com
77 variados esquemas acentuais -nos aparece a tradicional redondilha maior. O mesmo acontece ainda no que respeita
78 às formas estróficas (terceto, quadra, quintilha, oitava) e aos modelos rítmicos.

79 É grande ainda a diversidade de temas 11 , apresentados sob uma orientação estético-literária que não é fácil
80 identificar de imediato. À partida, e levando em conta que Tomé Tavares viveu entre 1570 (data provável do
81 seu nascimento) e 1634, diríamos que estamos perante um poeta de transição, do Maneirismo (1550-1620) para o
82 Barroco (1620-1750) 12 (peça n.º 41)

83 . No entanto, a leitura da sua obra, revelando embora motivos dessas duas estéticas, evidencia sobretudo um
84 lastro da literatura satírica do final da Idade Média.

85 Veja-se o texto que dedica «À sepultura de ?a Dama célebre do seu tempo», em que explora o sentido duplo
86 de "vaso": Aqui jaz Dona Genebra, de que o Mundo fez grão caso; quebrou porque era bom vaso, que vaso mau
87 n?ca quebra.

88 13 Esta orientação satírica -cujo alvo tanto pode ser individual como colectivo -assume por vezes ??1 Uma
89 vez que o princípio de organização dos textos no seio das Obras Burlescas de Tomé Tavares nem sempre é claro
90 e o seu compilador, Cristóvão Alão de Moraes, optou por reunir as composições poéticas do nosso autor sem
91 ter em conta um critério visível (cronológico, formal, temático, alfabético); optámos, no sentido de proporcionar
92 ao leitor uma melhor percepção da obra, por agrupar as composições em cinco capítulos distintos, constituídos
93 de acordo com um critério temático: no primeiro, serão contemplados os poemas relativos ao Mestre-escola
94 Francisco Roiz de Carvalho; no segundo, virão os poemas referentes a Pero Lopes Camelo; os poemas relativos a
95 figuras secundárias serão parte integrante do terceiro; o quarto reúne os poemas de temática clerical; as restantes
96 composições poéticas constarão do quinto capítulo, intitulado Outros.

97 12 Os textos do Abade de Barcelos só apresentam dois dados cronológicos, ambos remetendo para o primeiro
98 período: no poema 'Considerando fomos nas malhadas' (peça n.º 71), o autor declara ter 27 anos (se aceitarmos
99 1570 como data provável do seu nascimento, esse texto seria de 1597, em pleno período maneirista); na peça n.º
100 42, 'Ninguém a ser Poeta só se aprova', aparece a data de 1610. contornos de erotismo que podem resvalar para
101 uma obscenidade mais arcaica do que moderna, fazendo lembrar com frequência textos do Cancioneiro Geral
102 de Garcia de Resende. A marca maneirista e barroca estará assim mais na escrita engenhosa que nos motivos
103 temáticos ou na orientação ideológica da obra.

104 Deste jogo resulta, porém, um duplo risco para o nosso poeta: o de ser encarado, ao seu tempo, como

105 'impopular', transgressor de regras e o de ser esquecido pelas gerações vindouras, para quem os acontecimentos
106 quotidianos daquela época perderam interesse ou ganharam o estatuto de mera curiosidade de eruditos.

107 Tomé Tavares ficou assim votado a um imerecido esquecimento, de que tentaremos agora 'resgatá-lo', «dando-o
108 como testemunho de uma sociedade em que a sátira escabrosa foi o inevitável contrapeso de uma espiritualidade
109 forjada por dogmas que desviaram o homem do trilho diurno da sua natureza superada» 14 V.

110 5 Carta

111 . À visão melancólica do maneirismo o nosso autor prefere de facto a visão realista e viva do mundo que o rodeia,
112 veiculada num estilo livre, «se a Musa se não sentir peada com os consoantes».

113 Aquilo que o tempo havia apagado tentaremos agora reavivar mediante «? passeio pelo campo da memória»
114 que resgate os «retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas»: Do Impressor a certo Presbítero
115 Quem conhece o sujeito desta obra não acaba de encarecer a pouca diligência do Autor dela a respeito da grande
116 empresa em que se meteu; e como a queixa disto seja tão geral, não foi possível deixar de ir à sua notícia.
117 Querendo ele agora em alg?a parte remediar esta falha, determinou outra vez dar ? passeio pelo campo da
118 memória, aonde achou alg?s retalhos da mesma cor que o tempo ia já cobrindo de ortigas, que ainda que tem
119 por ofício descobrir tudo, também o torna a encobrir ajudado do esquecimento? (peça n.º 25) ??5 O Autor me
120 afirmou que seu passado descuido o deixou tão temeroso de presente que de nenh?a maneira se atreveria a sair
121 com a seg?da impressão se eu lhe não alcovitasse ? Protector com que pudesse perder o receio de a murmurção
122 andando no cio lhe não poder atirar quatro couces; não achei lugar onde pudesse ficar mais seguro deles que
123 debaixo da Ontem como hoje, a tarefa não é contudo fácil, pois «a murmurção andando no cio» pode dificultar
124 a aceitação de um poeta incômodo: sobrepeliz de V. M., a quem por ora não posso descobrir o nome, por me
125 sentir mui empenhado com o apelido de Meneses que devo em outra parte. Frutuoso Lourenço (peça n.º 25) ??6
126 No sentido de proporcionar ao leitor uma melhor percepção da obra e do espírito engenhoso de Tomé Tavares,
127 agrupámos as suas composições poéticas em cinco capítulos distintos: no primeiro capítulo, estão contemplados
128 os poemas relativos ao Mestre-escola Francisco Roiz de Carvalho; no segundo capítulo os poemas referentes a
129 Pero Lopes Camelo; os poemas relativos a figuras secundárias são parte integrante do terceiro capítulo; o capítulo
130 quarto é inteiramente dedicado à temática clerical; as restantes composições poéticas que, pelo seu conteúdo, não
131 dizem respeito a nenhuma figura identificável em concreto nem são de teor religioso, e como tal não se inserem
132 em nenhum dos capítulos referenciados Este «passeio pelo campo da memória», embora assuma por vezes um
133 pendor moralista, é dominado por um riso irreverente e quase condescendente para com os pecadores e os seus
134 pecados.

135 A sátira burlesca é o remédio proposto para um quotidiano manchado pela hipocrisia, pela devassidão e pelas
136 frivolidades mundanas.

137 Filho de uma época de profundas metamorfoses, o Abade de Barcelos insere-se nas coordenadas de um espírito
138 barroco, marcado pelo desnudamento das palavras e pela 'guilhotina' da sátira viperina e desmedida. O que fica
139 da leitura da sua obra é a surpresa perante a capacidade de contemplar o mundo sem pudor, numa mistura de
140 palavras límpidas e mordazes, pautada pela musicalidade e por um refinado engenho verbal. Moldando palavra
141 a palavra, Tavares é, então, a encarnação de uma sensibilidade riquíssima sem perder ou desfigurar os traços
142 característicos do Barroco.

143 Reabilitá-lo é, pois, estabelecer uma ponte entre os requintes do engenho agudo, a acrobacia das subtilezas
144 e a multiplicidade de impressões internas e externas de um mundo todo ele composto de reentrâncias; é tornar
145 acessível ao leitor actual, uma obra que é testemunho de uma época e de um meio em que o autor viveu. Desta
146 forma, procurámos realizar uma actualização prudente e cautelosa do texto, de modo a oferecer ao leitor médio
147 dos nossos dias, um texto crítico fidedigno, antes de mais do ponto de vista linguístico. Tivemos a preocupação
148 de salvaguardar os aspectos fonéticos, morfológicos e sintácticos dos textos e de não descharacterizar o estilo
149 do autor das Obras Burlescas. A edição das composições comporta um número de ordem, ininterrupto; uma
150 legenda, seguida do poema, cujos versos surgem numerados de cinco em cinco, com os algarismos colocados à
151 esquerda. Quando um poema é transmitido por mais que um testemunho, é-lhe atribuída a letra A para designar
152 o testemunho que elegermos como base; as alterações foram convenientemente assinaladas quer no corpo do texto,
153 quer em pé de página, sendo a chamada feita a partir do número de verso. O mesmo se verificou com outras
154 anotações necessárias ao esclarecimento do texto.

155 Nas correcções realizadas, foram utilizadas chavetas para as supressões e colchetes para as adições. São notadas
156 entre barras oblíquas, antecedidas de asterisco todas as passagens cuja lição seja dúbia. O aparato, separado do
157 texto crítico por uma linha e apresentado em corpo menor, vem ao fundo da página e pode incluir três partes
158 fundamentais:

159 A. Variantes: B. Justificação de emendas: C. Notas:

160 1. Referência aos sublinhados efectuados pelo copista; 2. Registo das notas localizadas à margem; 3.
161 Vocabulário e notas necessárias para a compreensão do texto. Poderá haver também observações que digam
162 respeito a aspectos gramaticais, métricos e acentuais dos versos; 4. Tradução de passagens em latim; 5. Anotações
163 sobre a poética do texto.

164 Na elaboração deste aparato tivemos como principal objectivo tornar as composições acessíveis ao leitor actual,
165 procurando dissipar as barreiras que eventualmente pudessem ocorrer. Assim, o leitor será confrontado com uma

166 pluralidade de opções e de leituras, não lhe sendo, porém, vedada a possibilidade de realizar as suas próprias
167 escolhas e de efectuar uma leitura pessoal dos textos.

168 Vejamos os dois poemas que se seguem e que são ilustrativos do modelo e critérios de edição crítica que
169 adoptámos.¹⁷ O poema é formado por versos de redondilha maior agrupados em quadras, que recorrem ao
170 esquema rimático ABBA.

171 Deste retrato vivo das encostas do Douro, das vivências do Porto e de Barcelos, dos meandros de uma época
conturbada, fica o prazer de uma obra que é documento, acima de tudo, da «eterna verdade» da poesia.¹⁸ .¹



Figure 1: Fig. 1 :©Fig. 1 :

172 2 3 4 5 6
173

¹Membro do Grupo de investigação Multiculturalidade e Diálogo Internacional do CITCEM -Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Doutorada em Literaturas e Culturas Românicas pela FLUP.

²© 2013 Global Journals Inc. (US)

³2 17

⁴() gObras Burlescas de Tomé Tavares O Ms. 736 da BPMP

⁵Cidália DINIS, Op. cit., p. 248. © 2013 Global Journals Inc. (US)

⁶Natália CORREIA, Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica: dos cancioneiros medievais à actualidade, Lisboa, 2000, p.28.15 Cidália DINIS, Op. cit., p. 207.

OBRAIS'
BVRLES'CAS'DO
Famoso

Thome Tavares Abade de Rio-tinto
junto a Barcellos. e natural da
Cidade do Porto.

Que ajuntou na dita Cidade
Histórias da Morais

Nº.
ANº
De

M D C LIII. ~

Figure 2: A

[Note: 9 *Ibid*, p. 280. 10 João Soares de Brito, *no seu Theatrum Lusitânia Litteratum* refere: 'Martialis projecto Lusitanus, miro namque viro in Epigramatis pangendis argutia Sales frequentissimi sed et fellis nonnichil: quae opera eruditorum manibus versantur, magnoque habentur in praetio' (apud Diogo Barbosa Machado, 1988, Vol. III, p. 760).]

Figure 3:

Aqui jaz Pisco Ribeiro,
que de mil cores reluz;
e posto sobre ? tojeiro,
foi morto c'? arcabuz
5 por mãos de Jorge Carneiro.

3. O verso vem escrito à margem direita. Optámos, devido a questões de métrica e de coerência, por integrá-lo no poema.
3. tojeiro -tojo grande.
5. Jorge Carneiro -Morgado de Gaia e bisavô do poeta Tomé Tavares.

maior, agrupados numa quintilha, com esquema rimático do tipo ABABA.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 42r-42v

5

10

15

:

28.

Manuscrito principal: BPMP, 736, f. 10r

VI. Mote

3.

17

Ibid,

pp.

211

e

309.

O poema é formado por versos de redondilha

77.

VII.

Mas na razão não me fundo
nem dela os Autores tratam,
porque às lebres que se matam
não houvera gota no Mundo.
Sempre as mataram Fi-
dalgos,
muitas morriam aos cacheiros,
muitas mais matam Rendeiros
despois que deram em ter galgos.
Pois se grandes e pe-
quenos
matam lebres à porfia,
como são mais cada dia e os gotosos não são menos?

